

HOMENAGEM

Como surgiu o Dia do Professor?

No dia 15 de outubro de 1827 (dia consagrado à educadora Santa Tereza D'Ávila), D. Pedro I baixou um Decreto Imperial que criou o Ensino Elementar no Brasil. Pelo decreto, "todas as cidades, vilas e lugarejos tivessem suas escolas de primeiras letras". Esse decreto falava de bastante coisa: descentralização do ensino, o salário dos professores, as matérias básicas que todos os alunos deveriam aprender e até como os professores deveriam ser contratados. A idéia, inovadora e revolucionária, teria sido ótima - caso tivesse sido cumprida.

Mas foi somente em 1947, 120 anos após o referido decreto, que ocorreu a primeira comemoração de um dia dedicado ao Professor.

Começou em São Paulo, em uma pequena escola no número 1520 da Rua Augusta, onde existia o Ginásio Caetano de Campos, conhecido como "Caetaninho". O longo período letivo do segundo semestre ia de 1 de junho a 15 de dezembro, com apenas 10 dias de férias em todo este período. Quatro professores tiveram a idéia de organizar um dia de parada para se evitar a estafa - e também de conagração e análise de rumos para o restante do ano.

O professor Salomão Becker sugeriu que o encontro se desse no dia de 15 de outubro, data em que, na sua cidade natal, professores e alunos traziam doces de casa para uma pequena confraternização. Com os professores Alfredo Gomes, Antônio Pereira e Claudino Busko, a idéia estava lançada, para depois crescer e implantar-se por todo o Brasil.

A celebração, que se mostrou um sucesso, espalhou-se pela cidade e pelo país nos anos seguintes, até ser oficializada nacionalmente como feriado escolar pelo Decreto Federal 52.682, de 14 de outubro de 1963. O Decreto define a essência e razão do feriado: "Para comemorar condignamente o Dia do Professor, os estabelecimentos de ensino farão promover solenidades, em que se enalteça a função do mestre na sociedade moderna, fazendo participar os alunos e as famílias". (Fonte: www.diadoprofessor.com.br)

O Dia do Professor em outros países:

Estados Unidos: National Teacher Day - na terça-feira da primeira semana completa de maio.

World Teachers' Day - UNESCO e diversos países - 5 de outubro

Tailândia - 16 de janeiro

Índia - 5 de setembro

China - 10 de setembro

México - 15 de maio

Taiwan - 28 de setembro

Argentina - 11 de setembro

Chile - 16 de outubro

Uruguai - 22 de setembro

Paraguai - 30 de abril

ENSINO EM DIA

Estácio promove Mostra de Profissões & Mercado

Dia 20 começa a Mostra de Profissões & Mercado da Universidade Estácio de Sá. O evento, realizado nos campi da instituição, apresenta, de forma interativa os produtos e serviços da Estácio - com testes de interesse vocacional com psicólogos, atividades práticas de cada curso, orientação profissional e entretenimento. A Mostra, voltada especialmente para alunos, professores, coordenadores e gestores do ensino médio, bem como pais de alunos e funcionários de empresas, proporciona contato com profissionais de mercado, coordenadores, professores e alunos da Estácio e oferece e tem como objetivo propiciar informações relevantes a uma escolha profissional mais consciente. Mais informações e inscrições: www.estacio.br/ensinomedio ou pelo email ensinomedio@estacio.br.

VESTIBULAR ESCOLA

Seus alunos testam o conhecimento sem precisar sair da escola

A Universidade Estácio de Sá disponibiliza mais um serviço para alunos e professores: consiste em uma prova, feita na sua escola, visando à preparação dos estudantes para o vestibular. É o "Vestibular Escola", iniciativa que serve à preparação dos alunos para a realização de concursos vestibulares e também para que ele possa disputar a sua vaga na própria Estácio. Além de fazer o vestibular, o aluno pode participar de um Concurso Cultural em que ele e a escola podem ser premiados: os alunos concorrem a celulares Nokia N96, de última geração e as escolas concorrem a aparelhos Datashow. Além disso, os alunos que se matricularem na Estácio terão 20% de desconto nas mensalidades do primeiro semestre de 2010 e ganharão um Programa de Desenvolvimento Profissional (até cinco cursos que vão valorizar ainda mais seu currículo). Informe-se e inscreva sua escola: ensinomedio@estacio.br.

FOCO EDUCAÇÃO

Jogos trazem novas perspectivas para profissionais de Educação Física

Os Jogos-2016 devem ser a fagulha a impulsionar a promoção do esporte de base, pedem desportistas, clubes formadores de atletas, confederações esportivas nacionais, federações estaduais e o Conselho Nacional de Educação Física.

"A educação física por si só não pode ser responsabilizada pela construção de uma base, mas passa por ela", argumenta Jorge Steinhilber, do Conselho Nacional de Educação Física. "Formar a base é responsabilidade de clubes e federações. Mas sem um trabalho na educação física, o jovem nem olhará nessa direção. É preciso um plano integrado entre os ministérios da Educação, Saúde e Esporte", analisa Steinhilber.

O sentimento de Steinhilber encontra eco entre dirigentes. "O ideal seria o ministério [do Esporte] fazer algo para atrair jovens [para o esporte], implantar o esporte na escola. Mas podemos procurar alternativas. De repente, a gente faz parcerias com prefeituras", argumenta o presidente da Confederação Brasileira de Atletismo, Roberto Gesta. "Fazemos o possível para atingir o alto nível. Mas a base é pequena, tem de ser uma ação de governo, ter uma política nacional de esporte", reivindica José Antonio Martins, da Federação Paulista de Atletismo.

"É preciso investir forte na formação de atletas que competirão nos Jogos-2016", argumenta a ginasta Jade Barbosa.

Membros do Conselho de Clubes Formadores de Atletas Olímpicos cobram o mesmo. "Tenho visto grandes planos de investimento para estrutura física, mas não vi nenhuma para preparação de atleta. Não podemos dar vexame", diz Sérgio Bruno Coelho, presidente do Conselho de Clubes Formadores de Atletas Olímpicos.

A ideia de fazer algo nos moldes de Londres, que receberá os Jogos de 2012, de incrementar a educação física, chegou a ser discutida no ministério do Esporte, segundo a reportagem apurou, mas não ganhou corpo. A pasta alega que as iniciativas de fomento nas escolas têm de ser tratadas diretamente pelas prefeituras e pelos estados.

"É preciso ter a conscientização. Em muitas escolas não há espaço para a prática do esporte, até por conta de quem deveria zelar por ele", diz Ricardo Leyser, secretário de alto rendimento do ministério. "Tem enchente e há muita gente desalojada? Leva para o ginásio da escola. Não tem lugar para dar aula? Leva para o ginásio. É o que frequentemente ocorre."

A Olimpíada, para o governo federal, servirá de catalisador para série de ações que beneficiarão o esporte e que poderiam levar mais tempo, ou ser menos sofisticados caso o Rio não tivesse ganhado a disputa. O ministério do Esporte aponta que o programa Segundo Tempo, que hoje beneficia cerca de 100 mil jovens em idade escolar no Rio, passará a contemplar todos os elegíveis (cerca de um milhão de crianças).

Um instituto gestor de centros de treinamento do país operará no Rio. A Agência Nacional Antidoping ganhará impulso. "Isso ganhará velocidade agora", afirma Leyser.



Pedidos

O projeto olímpico para 2016, em boa parte financiado pela Lei Piva, passa por uma redistribuição e eventual aumento de verbas federais, segundo dirigentes esportivos e clubes.

"É mais do que claro e visível que a verba atual é insuficiente. Com toda a certeza, precisamos de mais incentivo", argumentou o presidente da Confederação Brasileira de Canoagem, João Tomasini.

O governo destina, por meio da Lei Piva, 2% da arrecadação das loterias para os comitês olímpico e paraolímpico, que dividem o montante em 85% e 15% respectivamente. A verba é distribuída entre as confederações de acordo com seus resultados, variando entre R\$ 800 mil e R\$ 2,5 milhões por ano. Desta forma, a Canoagem, por exemplo, recebe R\$ 1,6 milhão por ano.

"Faltam modalidades que possam conseguir resultados. É preciso ter um planejamento objetivo", disse Sergio Zech Coelho, presidente do Conselho dos Clubes Formadores de Atletas Olímpicos, que luta para receber quinhão da verba da Lei. (Fonte: <http://www.educacaofisica.com.br>)

ARTIGO

O português das bulas - Deonísio da Silva*

Numa viagem que fizemos juntos, vi Frei Betto tomando um suplemento vitamínico diferente do meu. Ele aparenta muito menos idade do que os gloriosos sessenta e poucos aos quais acaba de chegar, mas o segredo da juventude não está apenas naquele concentrado que toma e, sim, na meditação que faz todos os dias.

Não lembro mais o que estava escrito na embalagem do dele. O meu agora vem com o seguinte aviso: "atenção fenilcetonúricos: contém fenilalanina". Sem vírgula depois de atenção, como está ficando cada vez mais frequente em avisos, inclusive do governo federal, como naquele do tempo de FHC, que não tinha vírgula depois de "avança", em "avança Brasil".

Quem escreve e quem ensina a ler, obrigação específica de professores de língua portuguesa, recomenda o remédio quando não se entende uma palavra: procurá-la no dicionário.

Vamos lá. O Aurélio não tem fenilcetonúria. Fala, Houaiss: "fenilcetonúria é uma doença hereditária caracterizada pelo acúmulo no organismo de um aminoácido, a fenilalanina, e de seus derivados, como o ácido fenilpirúvico, causada pela falta de uma enzima, e que pode gerar problemas dermatológicos e neurológicos".

A maioria dos dicionários comete o mesmo erro das bulas: tudo é explicado, nada é entendido. Ou muito pouco. Precisamos mudar o modo de explicações de uns e de outras.

De todos os que consultei, o que apresenta linguagem mais clara para os leigos - a maioria dos que os consultam - é o Michaelis, apesar do nome ser pronunciado, não "Micaelis", mas "Michaelis", com som de "ch": "doença devida a um defeito congênito do metabolismo da fenilalanina, ou seja, digestão inadequada de um dos elementos da proteína do leite. Também se chama idiotia fenilpirúvica". Fenilalanina, todos têm. Mas vejam só o que diz o Aurélio: "Aminoácido natural, essencial, que contém anel benzênico".

Em 2006, publiquei um artigo em diversos veículos da mídia, onde dizia: "as bulas de remédios são inúteis para os consumidores. Além de trazerem informações desnecessárias e assustadoras, vêm carregadas de advertências confusas, que podem abalar a confiança que os clientes têm nos médicos. O objetivo é fornecer argumentos aos advogados dos laboratórios em eventuais ações judiciais. Os consumidores que se danem".

E acrescentava eu, então: "A bula deveria prestar informações indispensáveis aos consumidores. Mas não o faz com eficiência. A primeira dificuldade é o tamanho das letras. Quem lê as bulas? Quase sempre as pessoas mais velhas. Ou porque vão tomar aqueles remédios ou porque vão administrá-los a quem, mesmo sabendo ler, não entenderia o que ali vai escrito. Os laboratórios não pensaram nisso ao escolher letras tão pequeninas. Ou pensaram e quiseram economizar papel. Seus consultores diriam 'otimizar recursos'".

Pois agora a Agência Nacional de Saúde (ANVISA) definiu um novo modelo para as bulas. A resolução prescreve que as bulas deverão ser impressas em letras Times New Roman, corpo 10, isto é, quase o dobro do atualmente usado. As bulas terão um tipo de informações para os pacientes e outro para os profissionais.

Foram incluídas também nove perguntas respondidas pela bula, explicando quais as indicações do remédio e quais os males que ele pode causar.

Alguém na ANVISA leu o nosso artigo. E acatou todas as sugestões ali contidas.

* Deonísio da Silva, Doutor em Letras pela USP e professor da Universidade Estácio de Sá, é autor de dezenas de livros, entre os quais *Avante, Sol-dados: Para Trás* (Prêmio Internacional Casa de las Américas), já publicado em diversos países.